

QUEM PODE AVANÇAR? JOGO PEDAGÓGICO, ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL E ENSINO CRÍTICO NO ENSINO MÉDIO NOTURNO

Paula Rieth de Oliveira Huf¹
Luana Gobbi Franke²
Francisco dos Santos Kieling³

RESUMO

O presente relato de experiência descreve a elaboração e aplicação de uma atividade pedagógica desenvolvida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em uma turma de primeiro ano do ensino médio noturno do Colégio Estadual Félix da Cunha, em Pelotas/RS, no componente curricular de Sociologia. A proposta teve como objetivo central promover a compreensão crítica dos conceitos de estratificação social e mobilidade social a partir de uma metodologia ativa estruturada como um jogo de cartas com perfis sociais heterogêneos, denominada “Quem pode avançar?” e desenvolvida pelos próprios bolsistas. Os personagens representavam posições diversas na estrutura social, considerando múltiplos marcadores sociais, como condições de trabalho, escolarização, raça, gênero, território e acesso à direitos. A atividade foi concebida em diálogo com inquietações manifestadas pelos próprios estudantes, que demonstraram interesse em discutir suas expectativas de futuro, suas trajetórias possíveis e os condicionantes sociais que atravessam suas experiências. A prática articulou contribuições da sociologia da estratificação social com princípios da educação crítica e da formação humana em perspectiva emancipatória, priorizando a problematização da realidade social dos sujeitos. A dinâmica foi realizada em espaços mais amplos da escola, possibilitando que os deslocamentos corporais dos estudantes, conforme as condições dos perfis assumidos, materializassem especialmente as desigualdades sociais, tornando visível a hierarquização estrutural da sociedade. Como resultados, constatou-se elevado envolvimento da turma, ampliação do debate coletivo e maior disposição dos estudantes em relacionar os conceitos sociológicos às suas próprias vivências. A visualização espacial da estratificação favoreceu a compreensão dos limites da mobilidade social e tensionou explicações individualizantes baseadas exclusivamente no mérito. A experiência evidenciou o potencial de metodologias ativas no ensino de Sociologia, especialmente no contexto do ensino médio noturno, ao contribuir para aprendizagens significativas, reflexivas e socialmente situadas.

Palavras-chave: Estratificação Social, Ensino de Sociologia, Metodologias Ativas.

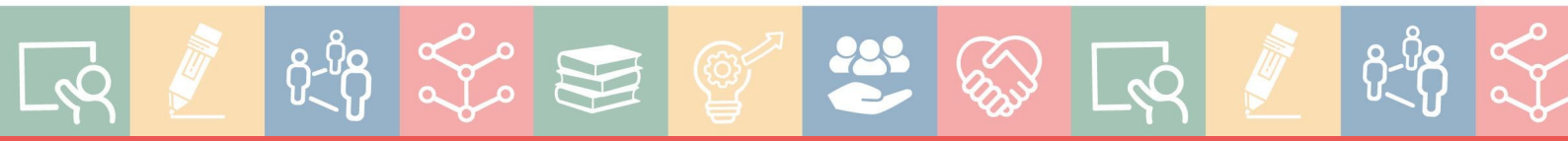
INTRODUÇÃO

O ensino de Sociologia na educação básica tem sido atravessado por uma tensão constitutiva entre, de um lado, a necessidade de sistematização conceitual própria do campo científico e, de outro, a exigência pedagógica de tornar tais conteúdos inteligíveis e

¹Graduada no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e Graduanda no Curso de Bacharel em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, prohuf23@gmail.com

²Graduanda no Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, luanagfranke@gmail.com;

³Coordenador de Área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, chico.lpdufpel@gmail.com;



significativos para sujeitos inseridos em distintas realidades sociais. Essa tensão se expressa de forma aguda quando a disciplina se depara com o desafio de não apenas apresentar categorias analíticas, mas de produzir deslocamentos interpretativos capazes de romper com leituras naturalizadas da vida social, frequentemente estruturadas por noções difusas de mérito, esforço individual e responsabilização dos sujeitos por suas próprias trajetórias.

Nesse sentido, a Sociologia escolar se constitui como um espaço privilegiado, mas também problemático, de mediação entre conhecimento científico e experiência vivida. Se, por um lado, os estudantes já operam com interpretações sobre o mundo social, essas interpretações tendem a estar ancoradas no senso comum, marcado por explicações individualizantes e pouco sensíveis às determinações estruturais. Por outro lado, a mera introdução de conceitos sociológicos, dissociada de práticas pedagógicas que mobilizem tais experiências, corre o risco de produzir um ensino abstrato, pouco significativo e incapaz de promover uma leitura crítica da realidade.

Essa problemática adquire contornos ainda mais complexos no contexto do ensino médio noturno, no qual os sujeitos que frequentam a escola, em grande medida, vivenciam de forma direta as desigualdades que a Sociologia busca analisar. Trata-se, frequentemente, de estudantes que conciliam trabalho e estudo, que enfrentam trajetórias escolares marcadas por interrupções e que elaboram suas expectativas de futuro sob condições materiais e simbólicas desiguais. Paradoxalmente, essa proximidade com a experiência da desigualdade não garante, por si só, sua compreensão em termos estruturais, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas que operem como mediação entre vivência e conceito.

É nesse horizonte que se coloca o desafio de trabalhar, no ensino de Sociologia, categorias como estratificação social e mobilidade social. Tais conceitos, centrais para a compreensão das desigualdades, são frequentemente apropriados pelos estudantes por meio de interpretações simplificadas, que tendem a enfatizar a noção individualista em detrimento dos condicionantes sociais. Desse modo, a prática docente sociológica deve envolver a construção de dispositivos pedagógicos capazes de evidenciar, de forma situada, os mecanismos estruturais que organizam as oportunidades de vida.

A proposta pedagógica analisada neste trabalho emerge precisamente dessa problemática. Desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)⁴, em uma turma de primeiro ano do ensino médio noturno, o jogo “Quem pode avançar?” buscou produzir uma mediação entre teoria sociológica e experiência

⁴Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação.



concreta, por meio de uma metodologia ativa que possibilitasse aos estudantes não apenas compreender, mas vivenciar, ainda que de forma simulada, as desigualdades sociais. Ao mobilizar diferentes posições sociais e associá-las a condições desiguais de acesso a recursos e oportunidades, a dinâmica permitiu tornar visível, no espaço e de forma simbólica, a estrutura hierarquizada da sociedade, deslocando o foco de explicações individualizantes para uma compreensão mais ampla dos condicionantes sociais.

A compreensão da estratificação como processo estruturado por formas de apropriação e dominação, conforme indicado por Ianni (1973), permite avançar na análise ao deslocar o foco da simples classificação de indivíduos para a apreensão das condições sociais que produzem e organizam as desigualdades. É justamente essa dimensão relacional e estruturante que orienta a proposta pedagógica desenvolvida, na medida em que a atividade não se limita a descrever posições sociais, mas busca evidenciar, de forma dinâmica, os mecanismos que condicionam as possibilidades de deslocamento entre essas posições.

Nesse sentido, a elaboração dos personagens e das situações mobilizadas na atividade foi orientada pela preocupação em representar, de maneira articulada, diferentes dimensões da estratificação social. As cartas não correspondem a perfis isolados ou idealizados, mas a composições sociais verossímeis, nas quais se entrelaçam condições de trabalho, trajetórias escolares, pertencimentos raciais, marcadores de gênero e inserções territoriais. Essa construção permite evidenciar que as posições sociais não são definidas por um único atributo, mas por uma combinação de fatores que operam de maneira simultânea, produzindo vantagens e desvantagens acumulativas.

A dinâmica do jogo, ao condicionar o avanço dos participantes à correspondência entre as afirmações lidas e as condições dos personagens assumidos, opera como um dispositivo de explicitação dessas desigualdades. Ao longo da atividade, o que se observa não é apenas uma diferenciação entre indivíduos, mas a materialização de trajetórias desiguais que se desdobram a partir de pontos de partida igualmente desiguais. Nesse processo, a ideia de mobilidade social é tensionada, na medida em que o avanço não se apresenta como resultado de escolhas individuais, mas como efeito de condições socialmente estruturadas.

Essa dimensão torna-se particularmente relevante quando considerada à luz das análises sobre mobilidade social no Brasil. A mobilidade não implica, necessariamente, a superação das desigualdades, uma vez que ocorre em contextos marcados por fortes condicionantes estruturais, que limitam as possibilidades efetivas de deslocamento entre posições sociais (Scalon, 1997). Para Bodart (2011), ao ser transposta para a dinâmica pedagógica, essa compreensão permite problematizar a noção de que todos os indivíduos



dispõem das mesmas oportunidades, evidenciando que as trajetórias são profundamente atravessadas por desigualdades de origem.

Ao mesmo tempo, a atividade possibilita evidenciar que tais desigualdades não se restringem à dimensão econômica, mas envolvem aspectos simbólicos e sociais que influenciam as possibilidades de reconhecimento, pertencimento e projeção de futuro. Nesse sentido, a construção dos perfis e das situações busca dar visibilidade a experiências de discriminação, precarização e exclusão que, embora nem sempre capturadas por indicadores quantitativos, exercem impacto significativo sobre as trajetórias dos sujeitos.

É nesse movimento que a atividade adquire sentido no interior do ensino de Sociologia, ao produzir uma mediação concreta entre conceitos teóricos e vivências sociais. Ao invés de partir de definições acabadas, a proposta permite que os estudantes se confrontem com as implicações práticas das desigualdades, criando condições para a construção de interpretações mais complexas acerca das relações entre estratificação e mobilidade social. Dessa forma, o jogo não apenas ilustra conceitos, mas os coloca em operação, tornando possível apreender, de maneira situada, os limites das explicações baseadas exclusivamente no mérito e no esforço individual.

METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, elaborado a partir da análise de uma prática pedagógica desenvolvida no contexto do PIBID, em uma turma de ensino médio noturno. A atividade baseou-se na observação das aulas e interesses dos discentes da turma e a produção da mesma, aqui analisada, fundamenta-se em registros produzidos durante a sua elaboração e aplicação. Além disso, trata-se de uma atividade pedagógica sem identificação dos sujeitos, sendo resguardados os princípios éticos relativos ao anonimato e ao uso acadêmico das informações.

A construção da atividade não se deu a partir de uma transposição direta de conteúdos, mas de um movimento de elaboração pedagógica orientado pela apropriação prévia das categorias sociológicas de estratificação e mobilidade social. Nesse sentido, o desafio colocado não foi apenas “ensinar” tais conceitos, mas construir uma forma de torná-los operáveis em sala de aula, isto é, passíveis de serem experienciados e problematizados pelos próprios estudantes. Essa inflexão orientou o processo coletivo de criação do material didático, desenvolvido pelos bolsistas, no qual se buscou traduzir relações estruturais em situações concretas.



A opção pela construção de um jogo pedagógico partiu da compreensão de que a estratificação social não se revela adequadamente por meio de descrições isoladas de posições sociais, mas pela visualização das diferenças nas condições de possibilidade que organizam as trajetórias. A partir disso, foram elaboradas cartas com perfis sociais que representam composições situadas, nas quais se articulam múltiplos marcadores, como raça, gênero, escolarização, trabalho e território, evidenciando que as desigualdades se produzem de forma acumulativa e relacional.

A aplicação da atividade foi organizada a partir de uma disposição inicial em que todos os participantes ocupavam o mesmo ponto no espaço, representando uma igualdade formal. A partir da leitura de frases-situação, os estudantes avançavam ou permaneciam no lugar conforme a correspondência com as condições de seus personagens. Esse procedimento, aparentemente simples, produz um efeito central para a proposta, momento em que a desigualdade deixa de ser apenas enunciada e passa a ser visualizada, na medida em que o espaço vai sendo progressivamente reorganizado por distâncias que não são aleatórias, mas socialmente produzidas.

A escolha por mobilizar o corpo e o deslocamento espacial não se configura apenas como recurso didático, mas como estratégia metodológica que permite tornar perceptível a estrutura da estratificação. Ao final da dinâmica, a disposição dos estudantes no espaço sintetiza, de forma condensada, a lógica das desigualdades, operando como base para a discussão coletiva. É nesse momento que a experiência é retomada analiticamente, por meio de questões orientadoras que buscam deslocar a interpretação dos estudantes de uma leitura individualizante para uma compreensão estrutural das diferenças observadas. Cabe destacar que a atividade também previu uma versão alternativa, baseada em pontuação, para contextos nos quais o espaço físico não permite o deslocamento dos participantes, o que evidencia a preocupação com a adaptabilidade da proposta a diferentes realidades escolares.

A reflexão final constitui, portanto, parte indissociável da metodologia da atividade, uma vez que é nela que se realiza a mediação entre experiência e conceito. As falas produzidas nesse momento compõem o principal material empírico deste relato, permitindo analisar como os estudantes elaboram interpretações sobre as desigualdades vivenciadas na dinâmica. Dessa forma, a metodologia aqui apresentada articula, de maneira indissociável, a construção de um dispositivo pedagógico orientado teoricamente e a análise reflexiva de sua aplicação. Mais do que descrever uma prática, trata-se de compreender como a elaboração e a operacionalização da atividade constituem, em si, um processo de tradução da teoria sociológica em experiência pedagógica, permitindo que conceitos como estratificação e



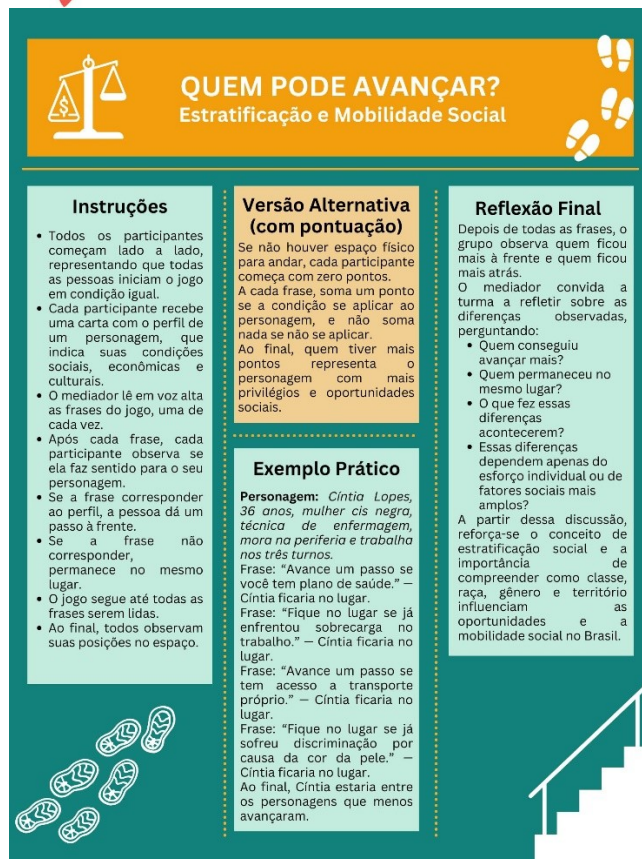
mobilidade social sejam apreendidos não apenas como definições, mas como relações vividas e interpretadas coletivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da atividade evidenciou, desde seus momentos iniciais, um elevado nível de engajamento dos estudantes, o que pode ser atribuído à forma como a proposta desloca o ensino de Sociologia de uma abordagem expositiva para uma experiência vivencial. No entanto, mais do que o envolvimento imediato, o aspecto central observado refere-se à maneira como a dinâmica possibilitou a emergência de interpretações progressivamente mais complexas acerca das desigualdades sociais.

A estrutura, organizada a partir da atribuição de personagens socialmente situados e da leitura de condições desiguais de vida, produziu um efeito cumulativo ao longo da dinâmica. À medida que as frases eram lidas e os estudantes avançavam ou permaneciam em suas posições, tornava-se visível que o deslocamento não ocorria de forma aleatória, mas acompanhava padrões estruturais. Personagens com maior acesso a recursos, como estabilidade no trabalho, apoio familiar, escolarização contínua e ausência de discriminação, avançavam de maneira recorrente, enquanto aqueles marcados por precarização, vulnerabilidade territorial e experiências de exclusão permaneciam, em sua maioria, nas posições iniciais.





QUEM PODE AVANÇAR?
Estratificação e Mobilidade Social

Instruções

- Todos os participantes começam lado a lado, representando que todas as pessoas iniciam o jogo em condição igual.
- Cada participante recebe uma carta com o perfil de um personagem, que indica suas condições sociais, econômicas e culturais.
- O mediador lê em voz alta as frases do jogo, uma de cada vez.
- Após cada frase, cada participante observa se ela faz sentido para o seu personagem.
- Se a frase corresponder ao perfil, a pessoa dá um passo à frente.
- Se a frase não corresponder, permanece no mesmo lugar.
- O jogo segue até todas as frases serem lidas.
- Ao final, todos observam suas posições no espaço.

Versão Alternativa (com pontuação)

Se não houver espaço físico para andar, cada participante começa com zero pontos. A cada frase, soma um ponto se a condição se aplicar ao personagem, e não soma nada se não se aplicar. Ao final, quem tiver mais pontos representa o personagem com mais privilégios e oportunidades sociais.

Reflexão Final

Depois de todas as frases, o grupo observa quem ficou mais à frente e quem ficou mais atrás. O mediador convida a turma a refletir sobre as diferenças observadas, perguntando:

- Quem conseguiu avançar mais?
- Quem permaneceu no mesmo lugar?
- O que fez essas diferenças acontecerem?
- Essas diferenças dependem apenas do esforço individual ou de fatores sociais mais amplos?

A partir dessa discussão, reforça-se o conceito de estratificação social e a importância de compreender como classe, raça, gênero e território influenciam as oportunidades e a mobilidade social no Brasil.

Exemplo Prático

Personagem: *Cintia Lopes, 36 anos, mulher cis negra, técnica de enfermagem, mora na periferia e trabalha nos três turnos.*

Frase: "Avance um passo se você tem plano de saúde." – Cintia ficaria no lugar.

Frase: "Fique no lugar se já enfrentou sobrecarga no trabalho." – Cintia ficaria no lugar.

Frase: "Avance um passo se tem acesso a transporte próprio." – Cintia ficaria no lugar.

Frase: "Fique no lugar se já sofreu discriminação por causa da cor da pele." – Cintia ficaria no lugar.

Ao final, Cintia estaria entre os personagens que menos avançaram.

Figura 1: Manual de instruções do jogo “Quem pode avançar?”
Fonte: Elaboração própria

A centralidade da dinâmica reside, justamente, na transformação da desigualdade em uma experiência perceptível. Ao final da atividade, a disposição dos estudantes no espaço produziu uma espécie de “mapa social” da turma, no qual se evidenciavam distâncias significativas entre os participantes. Essa configuração operou como um ponto de inflexão na aula, na medida em que tornou visível aquilo que, no plano conceitual, é definido como estratificação social.

A construção dos personagens desempenhou papel decisivo nesse processo. Conforme ilustrado na ‘Figura 2’, os perfis foram elaborados a partir da articulação de múltiplos marcadores sociais, o que permitiu evidenciar que as desigualdades não se organizam de forma isolada, mas por meio da combinação de diferentes dimensões.





VENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

V PIBID SUL | V Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
III ANFOPE SUL | Seminário da Associação Nacional pela Formação de Professores

QUEM PODE

AVANÇAR?

Vivendo a estratificação e a mobilidade social.

Atividade vivencial sobre desigualdade, privilégio e mobilidade na sociedade brasileira.

João Batista
47 anos
Homem Cis
Pardo

Motorista de aplicativo. Ficou desempregado na pandemia. Mora na periferia urbana, onde não tem saneamento completo. Ensino médio completo. Sonha em ver os filhos na universidade.

Beatriz Santos
19 anos
Mulher Cis
Negra

Caloura de medicina, entrou por cotas na universidade pública. Atendente aos finais de semana. Mora de aluguel com a mãe diarista e irmã menor, precisa ajudar em casa. Acesso limitado à internet e baixa renda familiar.

Gustavo Silva
34 anos
Homem Cis
Branco

Estudou administração na universidade privada. Gerente na empresa do pai. Mora em bairro nobre. Tem plano de saúde, carro próprio e nunca precisou trabalhar durante os estudos.

Rosa Conceição
52 anos
Mulher Cis
Parda

Ensino fundamental incompleto. Agricultora familiar. Mora em um assentamento rural. Cuida da casa e ajuda na lavoura. Sem acesso a saneamento básico e com meios de transporte limitados.

Mateus Almeida
28 anos
Homem Trans
Branco

Formado em Design Gráfico na universidade pública. Freelancer. Vive com os amigos, distanciado da família por conta do preconceito que sofreu.

Lurdes Maria
73 anos
Mulher Cis
Negra

Analfabeta. Aposentada, ex-doméstica. Viúva, mora sozinha na periferia urbana. Depende do SUS e da aposentadoria com base no salário mínimo.

Camila Torres
40 anos
Mulher Cis
branca

Pós-Graduação completa. Professora universitária pública. Casada, sem filhos. Bairro de classe média alta. Possui estabilidade financeira e acesso à plano de saúde.

O que fazer:

1. Leia o perfil com atenção;
2. Entre no personagem a partir e você agirá conforme as condições sociais desse perfil;
3. Durante a dinâmica:
 - Todos começarão lado a lado, no mesmo ponto do espaço.
 - Professor(a) lerá uma série de frases.
 - A cada frase, de um passo a frente se a situação se aplicar ao seu caso.
 - Se a frase não fizer sentido para o seu perfil, permaneça no mesmo lugar.
 - Ao final, observe e reflita onde está.

Pedro Carvalho
23 anos
Homem Cis
Branco

Técnico em mecânica. Operário registrado. Mora com os pais (casa própria). Vive em uma região industrial com acesso à saneamento básico.

Yasmim Oliveira
10 anos
Menina Cis
Negra

Está no quinto ano do E.F. Sonha em ser jogadora de futebol. Mãe solo e dois irmãos, ajuda a cuidar deles. Mora em uma ocupação urbana sem saneamento básico e internet, corre risco de remoção.

Helena Brandão
60 anos
Mulher Cis
Branca

Médica e proprietária de clínica. Herdeira de indústria têxtil. Casada, dois filhos formados no exterior. Vive em bairro nobre. Vários privilégios econômicos e nunca sofreu discriminação.

Alex Santana
31 anos
Homem Cis
Negro

Ensino médio incompleto. Entregador de aplicativo (renda instável e longas jornadas). Separado e pai. Vive na periferia urbana, já sofreu discriminação racial em entrevistas de emprego.

Karine Souza
27 anos
Mulher Cis
Branca

Superior incompleto. Atendente de Loja com baixa renda. Mãe solo. Vive em uma bairro popular com a mãe e o filho. Depende do SUS.

Raimundo Costa
58 anos
Homem Cis
Pardo

Ensino fundamental completo. Caminhoneiro autônomo (renda variável c/ pouca estabilidade). Casado, dois filhos adultos. Vive no interior, mas passa viajando.

Indira Kaingang
22 anos
Mulher Cis
Indígena

Ensino superior completo, ingressou por cotas na universidade pública. Professora de escola indígena (renda limitada). Mora na aldeia Kaingang. Já sofreu discriminação na cidade.





Figura 2: Cartas do Jogo
Fonte: Elaboração própria

A análise dos perfis evidencia que personagens como trabalhadoras da saúde submetidas a jornadas intensas, moradores de periferias com acesso precário a serviços públicos ou jovens com responsabilidades familiares precoces apresentam sistematicamente menores possibilidades de avanço, em contraste com perfis associados a estabilidade econômica, capital educacional elevado e redes de apoio consolidadas. Tal diferenciação não apenas ilustra desigualdades, mas explicita sua lógica de funcionamento.

A partir da experiência vivenciada na dinâmica, observou-se um deslocamento interpretativo relevante nas explicações produzidas pelos estudantes acerca das diferenças de posição ao final da atividade. Se, inicialmente, emergiam leituras associadas ao esforço individual, tais interpretações foram sendo tensionadas ao longo da discussão coletiva, à medida que os próprios participantes buscavam compreender por que determinados personagens avançavam de forma recorrente enquanto outros permaneciam praticamente imóveis.

Ao refletirem sobre essa distribuição desigual, os estudantes passaram a explicitar que o ponto de partida não era o mesmo para todos, afirmando que *“não é que um se esforçou mais que o outro, é que alguns já começaram com vantagem”*⁵. Essa percepção foi sendo aprofundada quando relacionaram o avanço às condições sociais dos personagens,

⁵As falas dos estudantes foram extraídas dos registros produzidos pelas bolsistas em relatórios escritos das aulas em que a atividade foi realizada, sendo preservado o anonimato dos participantes.



destacando, por exemplo, que “*quem mora na periferia já tem menos chance de conseguir essas coisas que fizeram avançar*”. Nesse movimento, observa-se uma mudança significativa, onde a desigualdade deixa de ser interpretada como resultado de decisões individuais e passa a ser compreendida como efeito de condições socialmente distribuídas.

Esse deslocamento torna-se ainda mais evidente quando os estudantes passam a questionar pressupostos previamente naturalizados, como a ideia de que a inserção no mercado de trabalho, por si só, garantiria mobilidade social. Ao afirmarem que “*achava que muita coisa ia mudar quando eu tivesse o meu negócio, mas depende de muita coisa além disso*”, reconhecem que o acesso à outras oportunidades e seus desdobramentos estão condicionados por fatores anteriores e externos ao esforço individual. Da mesma forma, ao observarem que “*tem gente que não anda porque não tem como, não porque não quer*”, produzem uma reflexão importante na interpretação da imobilidade, que deixa de ser associada à falta de vontade e passa a ser compreendida como expressão de limites estruturais.

A articulação dessas falas evidencia que a experiência proporcionada pela atividade operou como um mediador na reconstrução das interpretações dos estudantes. Ao vivenciarem, ainda que de forma simulada, condições desiguais, os participantes foram levados a confrontar explicações meritocráticas e a reconhecer a centralidade dos condicionantes sociais. Tal movimento aproxima-se da compreensão proposta por Ianni (1973), ao indicar que as diferenças entre os indivíduos não podem ser explicadas sem considerar as estruturas de apropriação e dominação que organizam a sociedade.

Outro elemento relevante refere-se à identificação dos estudantes com os personagens. Em diversos momentos, observou-se que os participantes estabeleciam relações entre os perfis e suas próprias experiências ou as de pessoas próximas, o que intensificou o envolvimento com a atividade e contribuiu para a produção de interpretações mais situadas. Essa identificação reforça o potencial da metodologia adotada, ao aproximar o conteúdo sociológico da realidade vivida pelos estudantes.

Por fim, destaca-se que a atividade não apenas favoreceu a compreensão conceitual, mas também ampliou o espaço de fala e escuta na sala de aula, permitindo a construção coletiva de sentidos sobre a desigualdade social. Nesse processo, o jogo operou não como mera ilustração, mas como um dispositivo de produção de conhecimento, no qual a experiência vivida se articula à elaboração teórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O presente relato de experiência permitiu evidenciar que o ensino de Sociologia demanda a construção de mediações pedagógicas capazes de articular, de forma efetiva, conceitos teóricos e experiências concretas dos estudantes. Ao tomar como ponto de partida o contexto do ensino médio noturno e as dificuldades de apreensão de categorias como estratificação social e mobilidade social, frequentemente apropriadas a partir de leituras individualizantes, a atividade “Quem pode avançar?” buscou operar um deslocamento interpretativo, tornando visíveis os condicionantes estruturais que atravessam as trajetórias sociais.

A elaboração do jogo, fundamentada na apropriação conceitual das categorias sociológicas e construída coletivamente no âmbito do PIBID, possibilitou a tradução de relações abstratas em uma experiência vivencial, na qual a desigualdade deixa de ser apenas enunciada e passa a ser percebida, experimentada e interpretada. Nesse processo, a materialização espacial das diferenças constituiu um elemento central, ao permitir que os estudantes visualizassem, de forma concreta, a distribuição desigual de oportunidades e as distintas possibilidades de mobilidade.

Os resultados indicam que a atividade contribuiu para tensionar explicações meritocráticas, favorecendo a emergência de leituras mais complexas acerca da desigualdade social. As falas dos estudantes evidenciaram a incorporação, ainda que em processo, de uma compreensão mais próxima da perspectiva sociológica, ao reconhecerem que trajetórias sociais são condicionadas por estruturas mais amplas. Tal movimento dialoga com a própria teoria sociológica trabalhada ao evidenciar a centralidade das relações de apropriação e dominação na organização da estratificação, bem como com as análises sobre mobilidade social no Brasil, que apontam para seus limites estruturais.

Do ponto de vista pedagógico, a experiência reafirma o potencial das metodologias ativas no ensino de Sociologia, especialmente quando orientadas por uma perspectiva crítica e situada. Ao deslocar o foco da transmissão de conteúdos para a produção de experiências de aprendizagem, a atividade possibilitou não apenas a compreensão conceitual, mas a construção coletiva de interpretações sobre a realidade social, contribuindo para o fortalecimento do papel formativo da disciplina.

Ao mesmo tempo, o trabalho aponta para a necessidade de continuidade e aprofundamento de práticas dessa natureza, tanto no campo do ensino quanto da pesquisa em educação em Ciências Sociais. Investigações futuras podem explorar, por exemplo, os efeitos de longo prazo desse tipo de abordagem na formação do pensamento sociológico dos



estudantes, bem como suas possibilidades de adaptação a diferentes contextos escolares e conteúdos curriculares.

Por fim, a experiência analisada reforça a importância de um ensino de Sociologia comprometido com a problematização das desigualdades e com a construção de leituras críticas da realidade, no qual os estudantes possam reconhecer-se não apenas como objetos dessas estruturas, mas como sujeitos capazes de compreendê-las. Nesse sentido, a articulação entre teoria, prática pedagógica e reflexão crítica se coloca como elemento central para a consolidação de uma formação sociológica socialmente situada e intelectualmente significativa.

REFERÊNCIAS

BODART, Cristiano das Neves. Estratificação social segundo Octavio Ianni. *Café com Sociologia*, jan. 2011. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com>. Acesso em: 02 abr. 2026.

IANNI, Octavio. *Teorias de estratificação social: leituras de sociologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

SCALON, Maria Celi. *Mobilidade social no Brasil: padrões e tendências*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.A

